

Yoseph Yomshyshy

**A MOCINHA COM O SEIO QUEIMADO.**

1ª edição

Ed. **Διαγραμμα**

São Paulo

Organização Editorial

Yoseph Yomshyshy

Revisão

Jose Lopes

Projeto Gráfico e Diagramação

Jose Lopes

Capa

Jose Lopes – foto do acervo particular

LOPES/Jose

A mocinha com o seio queimado/Jose Lopes

São Paulo - SP

# A MOCINHA COM O SEIO QUEIMADO/YOSEPH YOMSHYSHY

## Sumario

Apresentação.....	04 e 05
Palavras do escritor .....	06 a 09
Prefacio .....	10 a 11
Personagens na vida eterna .....	11 a 28
Escaramuças de uma relação proibida.....	29 a 63
Tornando-se cunhados .....	64 a 129
O casamento do Edson.....	130 a 136
Escaramuças da Ashley, da Diva, da Eliana investigação e julgamento do crime de lesões corporais.....	137 a 176
Notas sobre o autor.....	. 177 a 181

## Apresentação

**C**omo forma de apresentação do romance

C

policia que o leitor (a) tem em mãos, insira-se o soneto que, doravante, ides ler; demonstrando a ojeriza de uma irmã ao cigarro.

### **Soneto ao cigarro inocente**

Por causa de um inocente cigarro,  
O meu seio esquerdo foi queimado,  
O tecido, ao fogo, dilacerado,  
E, nem mesmo conservei o pigarro.

Lutara, mas, não saíra ileso,  
Do ataque desumano e feroz,  
Se a dor intensa me cortara a voz,  
No momento estático da surpresa.

Pensara: - Por que cometer tal crime?  
Que nem mesmo mil perdoes redimem!  
Em cruel arroubo de fúria.

Por que minha irmã foi insana?  
Por que fora tão vil; puritana?  
Ao me impor esta injúria.

## Palavras do escritor

**A**inda que o romance que o leitor (a) tem em

mãos tenha sido escrito com aplicativos de fatos reais, é uma obra com cunhos de ficção onde os personagens são reais, mas apresentados com nomes fictícios.

Assim sendo, na hipótese de vir a ocorrer quaisquer semelhanças com a realidade, estas semelhanças não passarão de meras coincidências.

Os fatos que inspiraram ao autor o desenvolver do texto e que originaram a história em forma de romance de ficção, aconteceram há mais de quarenta anos, quase cinquenta do pretérito, ao tempo em que é composto, quando o mundo tinha um contexto diferente, quer nos parâmetros culturais ou quer nos sociais.

O texto se compõe por vinte e três mil, seiscentos e sessenta e oito palavras, distribuídas ao longo das duas mil, seiscentos e oitenta e três linhas, mil e sessenta e três parágrafo e cento e nove páginas.

A maravilha da internet, da qual, hoje, dispõe-se, por sinal usado de forma errônea pelos internautas, havia sido

prevista; no entanto, era algo para se usufruir em um futuro vindouro, os veículos automotores, que circulavam pelas ruas, lançavam, com maior intensidade, o CO<sub>2</sub> na atmosfera, insuflando moléstias e alterando, gradativamente, o clima.

Os combustíveis alternativos como o etanol, pelo menos no Brasil, não eram mais do que protótipos de projetos na cabeça de alguns personagens da historicidade humana brasileira que, mediante a tomada do poder, lançariam em prática.

Muito se contestou sobre a atuação do regime militar, que configurou a ditadura, no Brasil, muitos movimentos contrários se levantaram, grupos se organizaram, mas, naqueles anos, excluindo-se os mandos e os desmandos oriundos da vida rígida na caserna e aplicados ao mundo civil, se postos sobre os pratos da balança, pode ser que penda para os benefícios, ao invés dos malefícios.

A mazela da corrupção quase se tornara inexistente naquela época, pois, diferente dos modelos da atualidade, onde mais de quarenta partidos políticos espoliam ao povo e consomem as receitas governamentais, a exemplo dos United States of American, que ostentam dois partidos políticos – o Democrata e o Republicano – existiam, no Brasil, apenas, a Aliança Renovadora Nacional e o opositor – Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

O retorno dos destinos da nação ao controle para as mãos dos cidadãos civis trouxe de volta a parafernália de

partidos políticos que facilitaram a volta dos estados corruptivos e, em face dos interesses dos parlamentares em não legislar de forma mais aplicada aos preceitos da jurisprudência, a fragilidade das leis fazia com que o mundo marginal, no dia a dia, dominasse ao seu bel prazer. m que o mundo marginal, no dia a dia, dominasse ao seu bel prazer.

Naquela oportunidade, não existiam as irritantes lombadas, que somente servem para atrasar as viagens e reter o transito, além de danificar aos equipamentos dos veículos automotores, passaram a existir em detrimento da evidencia de uma legislação mais severa e se proliferavam no dia a dia e a fragilidade das leis fazia com que o mundo marginal dominasse ao bel prazer.

Mas isto é outra história, portanto, não se tire o texto do contexto e nos atemos ao desenrolar do romance [ A mocinha com o seio queimado].

O autor

## Prefacio

**A** cinquenta anos do pretérito, aos trinta e um



de maio de mil novecentos e sessenta e cinco, um dia do outono, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ao anoitecer, o vento frio, intermitente e congelante, combinado com uma insistente chuvinha fina, adentrava através das vidraças estilhaçadas pela combinação extrema do desleixo da Estrada de Ferro Central do Brasil e pelo vandalismo do ser humano corrupto da raiz dos cabelos a planta dos pés.

No vagão da composição que corria sobre os trilhos manufaturados em ferro, o grupo formado pela Edileusa, o Antônio, a Jurema, o João, a Marisa e a Maria Lucia, se completava pelo Jose e o Jairo; este último já cinquentenário.

Os dois, Jose e Jairo, alheios ao sibilar dos ventos uivantes provocados pela tempestade, pelos raios que cortavam o céu, do nadir ao zênite, e dos pingos da chuvinha antes fina e, agora, torrencial, em uma espécie de disputa

poético-literária, puseram a declamar rimas instantâneas, que alguns desafiantes chamam de repente.

Recorde-se que, para rebater o soneto de Jairo que findara com os versos “Sou uma pomba que caminha/Sem amor/Sem Deus/Sem paz / E a culpa é tua querida / Contigo deixei a minha vida / Em troca dos beijos teus”, Jose inferira em um poema “A vida é um eterno caminhar / É um mundo imerso na ilusão / E, se é um eterno caminhar / Há de se viver a vida em tempo bom”.

Assim sendo, tome-se por empréstimo a tese do poema para, neste prefácio, ilustrar os acontecimentos no trem naquela noite fria e inenarrável, que decorridos estes cinquenta anos, certamente, os viajantes daquela composição não se esqueceram.

O autor

## 01

### Personagens na vida eterna.

O

utono, ano quarenta e dois do século vinte –

O

mil novecentos e um a dois mil – é vinte de março quando um espermatozoide errante, tipo X, dentre trezentos milhões, alcança um ovulo na menos errante que desliza no interior da Trompa de Falópio, e, unindo-se a ele se transforma em um zigoto, que vai, futuramente, desenvolver um embrião.

No caminho da eternidade surgira um novo ser a partir daquele zigoto?

Com certeza!

Não haveria duvidas!

Aquele embrião inocente não sabe, mas tudo já fora providenciado, pois, por determinação da Criação há de viver por um período de longos duzentos e setenta e um dia aos duzentos e noventa dias, como uma espécie de parasitas, alimentando-se por intermédio de um cordão umbilical, mergulhado em uma piscina provida não com água, mas, com líquido amniótico, a vida intrauterina.

Considerando-se que o embrião não detém a prerrogativa da *Juris Personalis*, contrataram para ele o aluguel de um quatinho quente e aconchegante, sob a modalidade prevista nas regras do direito civil e conhecida como comodato, dotado com cortinas em tecido especial, aveludado, na cor vermelha sangue e uma piscina não com água, mas com outro líquido que, mais tarde, aquele embrião haveria de conhecer por líquido amniótico.

O referido contrato de aluguel – na modalidade Comodato – fora firmado, em sua condição bilateral pela proprietária e o ocupante daquela espécie exótica de imóvel, representado por um único cômodo diminuto com a dimensão de uma pera ou de uma das mãos humanas fechadas, denominado útero, sem direito a renovação, ainda que fosse automática, devendo ser, sumariamente, resilido ao decorrer dos duzentos e noventa dias de prazo máximo.

Naquele quatinho quente e aconchegante o hospede, no interstício dos duzentos e noventa dias, talvez um pouco menos, receberia, graciosamente, a alimentação da qual

necessitasse para se desenvolver, as vestimentas, as roupas destinadas a forrar a caminha onde dormiria o sono dos aspirantes a vida extrauterina, mas não poderia ver a luz cósmica porque naquele aposento não teria janelas, somente uma porta que se abriria quando resilisse o contrato.

A alimentação e os líquidos providenciais para a vida lhe chegariam por intermédio de uma sonda especial, que permaneceria atrelada ao seu corpinho em formação, e somente seria extraída no momento em que providenciasse a resilição do Instrumento Contratual, na modalidade de Comodato, substituindo a vida intrauterina pela vida extrauterina.

Sentiria medo no momento de transição desses tipos de vida porque o seu corpinho frágil e inseguro, sofreria uma espécie de terremoto que o faria tremer e se encolher aos cantinhos aquele antigo quatinho quente e aconchegante, agora improprio para habitação.

Mas, isto seria inevitável...

Desejaria continuar por ali, prorrogar o período contratual, mas, de acordo com a cláusula prazo, daquele instrumento contratual, não seria possível a renovação por um novo período e, assim, não haveria argumentos plausíveis nesse sentido.

Acuado, o personagem veria, a cada instante, as intempéries daquele terremoto se intensificarem e, de

repente a porta, que permanecera sempre fechada, como se fosse uma espécie de um túnel, a princípio obscura, se abria a sua dianteira.

O que seria aquilo?

Refletiria, ainda; quando um empurrão mais forte provocado pela intempérie, que se assemelhava a uma serie ininterrupta da espécie de terremotos, lhe empurrara de encontro a abertura, fechamento, sabe lá; daquele túnel exótico e estranho que, agora, se abria perante os seus olhos.

Naquele temor momentâneo pelo desconhecer do que acontecia, sentiria que a sua cabecinha se comprimiria na altura das duas têmeoras sem sequer saber que se tratavam das moleiras laterais, que se comporia aos três meses, pressionadas pelas paredes daquele túnel, se fechavam para facilitar a sua passagem.

O quê?

A minha cabecinha está sendo estrangulada, não sei se faço força para ir em frente o se procuro voltar para o quartinho quente e aconchegante de onde vivi todo esse tempo.

Uma vozinha distante me dizia:

- Abram-se aspas – Não! – fecham-se aspas.

- Abram-se aspas - Não pode voltar ao status quo ante!  
– fecham-se aspas.

- Abram-se aspas - Aquele aposento não lhe serve mais e, depois, chegou o tempo em que deve deixar de ser; eternamente, parasita para ser um elemento independente em todos os sentidos. – fecham-se aspas.

Abram-se aspas – Doravante trocarás a vida no interior daquele quartinho quente e aconchegante, com movimento e ações limitadas, por um salão elegante, belo, representado por uma bolha composta não por líquido amniótico, mas, por setenta e oito partes de cem de nitrogênio e vinte e uma partes de cem de oxigênio onde deverás aprender a viver. – fecham-se aspas.

- Abram-se aspas – Na verdade, esse é o caminho destinado a todos que estagiam naquele quartinho quente e aconchegante, a princípio pelo mesmo período, já que alguns, mais apressados, providenciam a transmutação em tempo menos elástico. – fecham-se aspas.

A cabecinha atravessou o túnel para lá de exótico, depois o tronco, os bracinhos, as pernas, o corpo inteiro...

A sensação era horrível, faltava-lhe o folego, sentia fome, sede e algo que jamais havia experimentado.

A vizinha esclareceu:

- Abram-se aspas – Sabe? – fecham-se aspas.

- Abram-se aspas – Você acaba de deixar de ser parasita para se tornar um ser independente. – fecham-se aspas. ]

- Abram-se aspas – Como ser independente vivendo nessa bolha de gases composta por – nitrogênio, oxigênio e gases raros -, todos devem aprender a inspirar o oxigênio e expirar o carbono; alguém vai lhe ajudar. – fecham-se aspas.

Naquele frio que quase o consumia, de repente, sentiu uma tapinha nas nádegas e, com o efeito de uma sensação chamada dor, veio o choro, com o choro a inspiração, com a inspiração a expiração e aquele antigo embrião; que antes vivia naquele quatinho quente e aconchegante era, agora, independente.

A noite estava quente, pois era um dos verões no Hemisfério Sul, havia uma luz esquálida refletida de um incomensurável espelho chamado Lua quando, às vinte e uma horas e dez minutos, a transformação de parasita em ser independente ocorrera; era uma sexta-feira, aos oito dias do mês de janeiro.

Pequenina havia, de acordo com os beneplácitos dos céus, acabado de oferecer, por meio do amor materno, a vida a um personagem que, doravante, se chamaria Zequinha da Pequenina.

Zequinha da Pequenina, um par de olhos na cor castanha escura, quase preta, um nariz característico da raça

indígena, um par de ouvidos e uma boca e, completando, dois braços, duas mãos, dez dedos, duas pernas, dois pés, dez artelhos e um sexo para o prazer e a reprodução, sendo a personagem declarada gente na avaliação da ciência;

De fato, era gente!

O tempo urgiu.

Zequinha da Pequenininha cresceu, foi menino com as calças curtas, alcançou a puberdade, se tornara adolescente, fizera-se homem e, no âmbito da eternidade não efêmera e passageira, não insólita e infrequente além de não transitória e temporária, não reuniu forças para fugir da tentação que, no decurso do texto deste romance se verá.

Entrementes, em outro contexto da perene e incontestável eternidade, em um dos outonos, prenuncio de inverno mais frio e intenso, havia de ocorrer que um espermatozoide do tipo Y mais afoito e ousado do que os duzentos e noventa e nove milhões novecentos e noventa e nove mil, que lhe seguiam na corrida pela sobrevivência, ousou romper a finíssima película que protegia um ovulo errante na Trompa de Falópio, obstruindo o caminho aos demais.

Na realidade, era um final do mês de abril e, sendo um final do mês de abril as flores dos Ipês Roxos não havia ainda colorido às inóspitas paisagens e alegrando aos pintassilgos e canários que esvoaçavam à luz esqualida que provinha do

astro-rei, porem as quaresmeiras já haviam se despido das capas na cor verde para e se preparavam para vestirem-se com o azul arroxeadado de suas pobres e enigmáticas flores.

Depois de se confinar na espécie de quatinho quente e aconchegante para o estagio que prepararia o ser humano para, deixando para trás a vida sedentária de um parasita se tornar, afinal, um ser transformado e independente, Caroline da Safira, depois de decorridos o interstício dos duzentos e noventa dias, resiliu o Contrato de Comodato e, como qualquer semelhante, atravessou sem delongas o túnel obscuro que conduz da vida intrauterina para a vida extrauterina.

Ao se apresentar diante do mundo não efêmero e não passageiro; não insólito e não infrequente; não transitório e não temporário, ostentava em seu corpinho angelical, como todos os nascituros, um par de olhos na cor do mel com leve estrabismo, um nariz próprios dos europeus, um par de ouvidos e uma boquinha anatomicamente perfeita e desenhada em uma cabecinha com cabelos aloirados.

Completando, dois bracinhos delgados, duas mãozinhas que não paravam de mexerem-se, dez dedinhos, duas perninhas que ora se abaixavam, ora se erguiam, dois pezinhos e dez pequeninos artelhos, protótipos de seios e um sexo para o prazer e a reprodução humana.

A ciência se apressara em determinar que se tratasse de gente!